# GUERREIRO, Antonio. 2015. Ancestrais e suas sombras: uma etnografia da chefia Kalapalo e seu ritual mortuário

Campinas: Editora da Unicamp. 520 pp.

Túlio S. M. Brandão Diniz

## REFERÊNCIA

GUERREIRO, Antonio. 2015. Ancestrais e suas sombras: uma etnografia da chefia Kalapalo e seu ritual mortuário. Campinas: Editora da Unicamp. 520 pp.

1 O livro de Antonio Guerreiro *Ancestrais e suas sombras: uma etnografia da chefia Kalapalo e seu ritual mortuário* chega como importante contribuição à etnologia ameríndia, em especial à xinguana. Com uma sólida análise da instituição e transmissão da chefia entre os Kalapalo e no Alto Xingu, e uma descrição abrangente e cuidadosa do *Egitsü* (conhecido popularmente como Quarup), o livro conta também com extrema sensibilidade etnográfica do autor, que contextualiza este povo xinguano e apresenta aos leitores uma narrativa coesa, com informações fundamentais para a compreensão desse mundo outro. O Alto Xingu é conhecido pelo grande público por conta dos grandes rituais como o Quarup e o Jawari, e na literatura ameríndia se destaca como complexo cultural multilíngue, onde diversos grupos coexistem sob um ideal pacifista e dadivoso, apresentam uma continuidade cultural e constituem uma “comunidade moral”. A chefia se destaca como elemento importante na organização social dos povos da região e, diferentemente de abordagens que têm analisado a chefia indígena com foco em poder, autoridade ou hierarquia, Guerreiro problematiza tal concepção e tenta levar ao leitor uma perspectiva mais diversificada sobre o tema, dando especial atenção

a como os Kalapalo a entendem em seu universo cosmológico e lidam com ela no cotidiano.

2 Comumente os *anetü* (chefes) são chamados pelos Kalapalo simplesmente como *kuge* (gente); eles são o modelo de humanidade xinguana e agregam as características imprescindíveis desta posição, como a generosidade, a beleza, o domínio da oratória em suas diversas vertentes, a habilidade na luta e um discurso apaziguador com força para agregar e manter a estabilidade da aldeia e do sistema xinguano. Em um mundo onde existem humanos mais humanos que outros, os *anetü* são aqueles que mais se aproximam do ideal de pessoa do Alto Xingu.

3 Fruto de uma relação iniciada com os Kalapalo ainda na graduação, o livro é uma versão revisada da tese de doutorado de Guerreiro, defendida em 2012 no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. A longa experiência de campo na aldeia Kalapalo de Aiha no Parque Indígena do Xingu, a oportunidade de acompanhar diferentes fases dos preparativos de quatro *Egitsü* (2006, 2008, 2010 e 2011), e escolhas narrativas que optam por apresentar diferentes faces da chefia xinguana fazem com que a descrição de Antônio Guerreiro abarque não apenas a chefia e o principal ritual do Xingu, mas muito da complexa dinâmica que os envolve. O autor é hábil em cruzar histórias de diferentes períodos, narrativas coletadas em campo e informações baseadas na bibliografia da região, perfazendo uma introdução cosmológica consistente antes de passar ao ciclo ritual do *Egitsü*. Sua análise vai desde a história xinguana, onde ressalta como os percursos históricos dos grupos que conhecemos hoje "são misturados", passa pela mitologia, pelas relações de parentesco, pela constituição dos corpos e das casas, por aspectos relacionados aos discursos rituais dos chefes, à infraestrutura requerida para um ritual dessa magnitude, às redes de trocas envolvidas, para finalmente chegar ao clímax do *Egitsü*: as lutas e a construção das efígies mortuárias em homenagem aos chefes mortos.

4 A obra apresenta análises inovadoras acerca da política e feitiçaria no Alto Xingu. A partir de um trabalho de campo marcado por tensões entre lideranças, muitas mortes entre os Kalapalo, incluindo pessoas de famílias com grande prestígio, e principalmente várias acusações de feitiçaria em torno dessas mortes, o autor nos deixa claro que a grandeza, a beleza e o prestígio dos chefes atraem a inveja de feiticeiros e os tornam os alvos preferenciais da feitiçaria. A chefia não é apenas uma posição de prestígio e liderança, mas pode representar um grande fardo para quem o carrega e para seus familiares. Guerreiro aborda com maestria a questão da transmissão da chefia, o que nela é dado, hereditário, afinal, só é um "chefe verdadeiro" aquele que descende de chefes, idealmente sendo filho de pai e mãe *anetü*; no entanto, destaca também aspectos do que é construído na chefia, já que nem todo "nobre" chega a ser chefe. A chefia é hereditária, mas não apenas; para se tornar chefe, é necessário fabricar essa humanidade ideal que tem como princípio uma relação com outros chefes. Para se tornar *anetü*, deve-se ser feito como tal por outro *anetü* — "o filho de um chefe precisa ser feito por seus 'não parentes' ou afins, sempre por meio de processos corporais: reclusão, furação da orelha, enterro, construção de uma casa, homenagem póstuma" (: 307). O árduo treinamento de muitos anos, que inclui longos períodos em reclusão, uso de ornamentos e pinturas corporais específicas, alimentação sujeita a uma série de restrições, com o intuito de construir todo o *ethos* xinguano naquele corpo, faz com que muitos "fiquem pelo caminho".

5 O chefe tem obrigações bem definidas com o seu povo, já que “deve proteger, educar e nutrir seus filhos, orientando-os com o uso da fala verdadeira (*akihekugene*), sempre oferecendo peixe e beiju no centro da aldeia e nunca negando nenhum objeto que lhe peçam” (: 168). Um ponto importante da análise trata da dupla faceta presente nos *anetü*: tanto a de um pai protetor, aquele é o esteio para seu povo, consanguíneo; quanto a de um inimigo aos olhos estrangeiros, predador, afim potencial. Os chefes detêm uma capacidade análoga à dos grandes predadores, como a onça e o gavião, que é a de “atrair pessoas para um ponto de vista específico e mantê-las nele, transformando-as em seus parentes (seus filhos) e em parentes de seus semelhantes” (: 182). Por outro lado, na relação com outros chefes ou estrangeiros, o *anetü* manifesta sua faceta predadora, que não deve ser visível ao se relacionar com os seus no grupo local. Essa dupla faceta fica nítida nos momentos finais do *Egitsü*, a luta e a confecção das efígies mortuárias, que sintetizam “os dois aspectos constitutivos da chefia, a capacidade de englobamento pela consanguinidade assimétrica e a capacidade de diferenciação e autonomia ligada à estética predatória” (: 490).

6 Muitos elementos nos remetem ao *Egitsü* como uma espécie de “guerra mal disfarçada” entre anfitriões e convidados, sendo inclusive utilizadas pinturas de guerra, não por opção estética, mas por seu caráter transformativo; de toda forma, como afirma o autor, “a despeito da hostilidade e da necessidade de dramatizar a guerra, o fim do ritual declara que a troca deve prevalecer” (: 478). Guerreiro explora muito bem dimensões diversas do *Egitsü*; se os Kalapalo afirmam que os principais objetivos do ritual são lembrar o chefe morto e romper a ligação do finado com os parentes para então cessar a dor do luto, o que o autor nos mostra é que o *Egitsü* vai além: é este também o momento de apresentar aqueles que serão os chefes (substitutos), de estabelecer alianças através dos casamentos, e realizar trocas com parceiros (inclusive os brancos) que são fundamentais na reprodução daquele modo de vida.

7 Em uma obra desta densidade, a escolha minuciosa do que entra ou sai do texto final é um trabalho árduo. Se, de um lado, Guerreiro teve uma habilidade ímpar em organizar um grande volume de dados e apresentar os Kalapalo e o Alto Xingu de maneira concisa e bastante vívida, de outro lado, sentimos falta de uma descrição mais aprofundada sobre o aguardado momento da luta durante o ritual do *Egitsü*; além disso, algumas digressões, que na tese de doutorado não poderiam se ausentar, poderiam ter sido cortadas da edição final do livro. Por exemplo, a discussão sobre a aplicabilidade da noção de “sociedades de casa”, cunhada por Lévi-Strauss, ao contexto xinguano e alguns trechos que fazem comparações com povos ameríndios distantes ou da Melanésia. Apesar de fornecerem possibilidades interessantes para pensar aspectos relativos à chefia, tais explanações por vezes deixaram o texto longo e adicionaram elementos que talvez distanciem um leitor não antropólogo.

8 Sem dúvidas, a obra faz jus à proporção do que é o *Egitsü* e a escrita cria toda uma expectativa sobre os capítulos finais, que tratam do ritual propriamente; ao final, o que surpreende é uma clara ideia que perpassa por todo o livro, a de que grandeza do *Egitsü* está menos nos poucos dias que ganharam fama internacional através do Quarup, o grande “festival da diversidade indígena brasileira”, e mais em toda a dinâmica grandiosa que o envolve e que está diretamente ligada à chefia e, consequentemente, ao modo de “ser gente” no Alto Xingu. E por que “Ancestrais e suas sombras”? Os grandes chefes que são homenageados no *Egitsü* e se tornam ancestrais anônimos são modelos inalcançáveis, um patamar que, por mais que os novos *anetü* se dediquem a alcançar em

vida, jamais conseguirão. Não passarão de sombras daqueles que mereceram as maiores honrarias do mundo xinguano.

---

## AUTORES

### TÚLIO S. M. BRANDÃO DINIZ

UnB